

PROVÍNCIA DE CABO VERDE

MONOGRAFIA

Elaborada, de ordem do Governo Provincial,

POR

João Baptista AMANCIO GRACIAS

Sub-director de Fazenda da Província de Cabo Verde,
Assoc. prov. da Academia das Ciências de Lisboa,
Sócio correspondente da S. G. L. e do Instituto de Coimbra

Destinada à Exposição Internacional do Rio de Janeiro



CABO VERDE
IMPRESA NACIONAL
1922

Se a Natureza foi tão parca em conceder os seus dons para o fomento agrícola na província de Cabo Verde, espalhou-os pródigamente nos mares do arquipélago, que, no entender dos peritos, são em extremo piscosos. Encontra-se ali muito peixe bom e de uma infinidade de espécies. Temos a bicuda, o lobo, o mero, a morea, a garoupa, a bica, o badejo, o sargo, o atum, etc. Todos esses peixes são de mais ou menos grandes dimensões e saborosos e pescam-se à linha em pequenas canoas. Há também baleias cuja pesca é explorada por americanos, sendo certo que são os marinheiros de Cabo Verde que fazem esse serviço sob as ordens e a soldo deles! Diversos ensaios se têm feito para o cultivo de indústria piscatória; correm mundo memórias e estudos a rôdo sobre o assunto, e, contudo, ela continúa ainda nos domínios do ideal!

Para quem, como nós, não viu tantos e tão bons exemplares ictiológicos nem em Portugal, nem na Índia, faz dôr dalma vêr o desperdício de tanta riqueza. Não só não há pesca intensiva, conduzida a preceito, mas nem há a indústria de conserva em salmoira ou em azeite, do pouco peixe que se pesca, apesar de aí abundar o sal da melhor qualidade e se poder extrair o óleo de vários peixes gordurosos que não faltam.

No ano de 1916 exportou-se «peixe sêco em salmoura» no valor apenas de 6.800\$, magra renda das ricas espécies aquáticas dos mares insulares, mas ainda assim a quantidade exportada tem ido em progressivo incremento como se conhece do seguinte quadro:

Anos	Quantidade exportada em quilos	Valor
1910	26.806	1.346\$31
1911	12.792	689\$35
1912	23.376	1.198\$92
1913	40.971	2.075\$84
1914	65.000	3.386\$44
1915	41.000	2.182\$44
1916	67.085	6.821\$80

Quási todo esse peixe foi para S. Tomé e Príncipe. As oscilações na quantidade exportada foram grandes e explicam-se em parte pela mortalidade que houve entre os

pescadores e em parte pela emigração destes para a América, onde o seu trabalho é sempre mais remunerador.

A excessiva alta nas importâncias do valor no ano de 1916, que não é proporcional ao dos outros anos, é devido ao crescente aumento no preço do peixe.

No 3.º trimestre do ano de 1921, conforme o relatório publicado no *Boletim Oficial* n.º 11, de 18 de Março último, exportaram-se 9:474 quilos de peixe sêco, o que mostra que a indústria vai progredindo.

O mero sêco de Cabo Verde rivaliza com o melhor bacalhau da Inglaterra e Noruega e, todavia, ainda na própria provincia se consome êsse bacalhau porque a preparação e salmoura do mero não é feita segundo os preccitos da arte.

Em 1909, um italiano pedira ao Govêrno o exclusivo da exploração da indústria da pesca nos mares do arquipélago. Oferecia avultado preço, mas foi-lhe indeferida a pretensão por êle ser estrangeiro. Mas se o nosso patriotismo se melindrou justamente por vermos um estrangeiro entrar-nos pela casa dentro a explorar as riquezas que lá existiam, não nos impeliu o nosso amôr próprio, o nosso interêsso pelo desenvolvimento dos nossos domínios coloniais a aproveitarmos a indicação daquele estrangeiro e fazermos a exploração da indústria piscatória por nossa conta! Desde então, desde tempos ainda mais afastados, permanecemos de braços cruzados diante dêssa enorme riqueza! Todos a encarecem, ninguem se aventura a explora-la, quando essa indústria só de per si bastaria para transformar a decadente situação de Cabo Verde.

Supõe-se que as águas do arquipélago não possam dar peixe para alimentar uma emprêsa industrial regularmente montada. Engano. Há ali muito peixe, como afirmam os conhecedores do assunto.

Urge, pois, já, formar um sindicato com os capitais nacionais ou estrangeiros para se fazer uma pesca intensiva a vapor ou com rêdes de arrasto naqueles mares, estabelecendo-se ao mesmo tempo em qualquer das ilhas, de preferência na Praia ou em S. Vicente, uma emprêsa para secagem e salga de peixe e bem assim para a sua conserva em óleo. O peixe assim industrializado terá vantajosa colocação não apenas na Guiné e em S. Tomé e Príncipe, como também na metrópole, onde, como já dissemos, não existem tantas espécies de bom peixe, e no Brasil e outros pontos de América.

Com a exploração da indústria piscatória está intimamente ligada a do sal, que foi sempre, a par da da aguardente, a que preocupou os caboverdeanos. Desde os mais remotos tempos ela tem sido o objecto de espezias cuidados, mas sempre tem tido que enfrentar grandes dificuldades para o seu desenvolvimento.

Houve uma época em que o sal desta provincia—o melhor que se encontra nas ilhas do Sal, Maio e Boa Vista—tinha vantajosa colocação no Brasil, onde era muito apreciado, preferindo-o muitos ao que ia de Liverpool e Hamburgo. Era, a bom dizer, a maior riqueza da provincia donde saiam anualmente para cima de 35:000 toneladas, para em seu lugar entrarem dezenas de contos de réis, mas o Brasil, querendo, em 1888, por sua vez proteger a industria salineira nacional, tributou o sal estrangeiro com fortes direitos, proibitivos mesmo, o que affectou a saída do nosso sal, limitando-se desde então a uns carregamentos a granel, que serviam de lastro aos navios que às vezes iam com laranjas para Dakar.

Nunca mais se conseguiu restabelecer essa industria no pé em que dantes se encontrava. O Brasil, quando uma vez, lá por 1893-94, as cheias lhe ostragaram as salinas, tornou a levar o nosso sal, mas tal tráfego pouco durou porque logo se reabriram à exploração as salinas do Rio Grande do Norte, além do que, mesmo com a remoção das peias fiscaes, não pode o sal de Cabo Verde ter a collocação vantajosa, visto que as dificuldades de transporte, agravadas com a falta de vapores e com o elevado frete, o tornam aí tão caro, que ninguem o procura de preferência ao produto nacional que, embora inferior, lhes sai sempre mais barato.

A exportação do sal de Cabo Verde, pois, não tendo mercado no Brasil encaminhou-se para a Africa onde tem largos horizontes. Diz-se que a Africa consome mais de 10:000 toneladas do sal, sendo as regiões que mais o importam: Senegal, Sudão, Niger, Gâmbia, Guiné, Monrovia, Costa do Marfim, Goldcoast, Togo, Dahomey, Cameroun, Congo Belga e Congo Francês, Serra-Leôa, Nigeria, Guiné Francesa.

Quando se viu que o nosso sal tinha procura no continente negro, formaram-se na provincia algumas sociedades para a exploração intensiva dessa industria, mas nenhuma logrou tirar do empreendimento os lucros que esperava, abstando-nos de aqui referir as causas para não alongar-